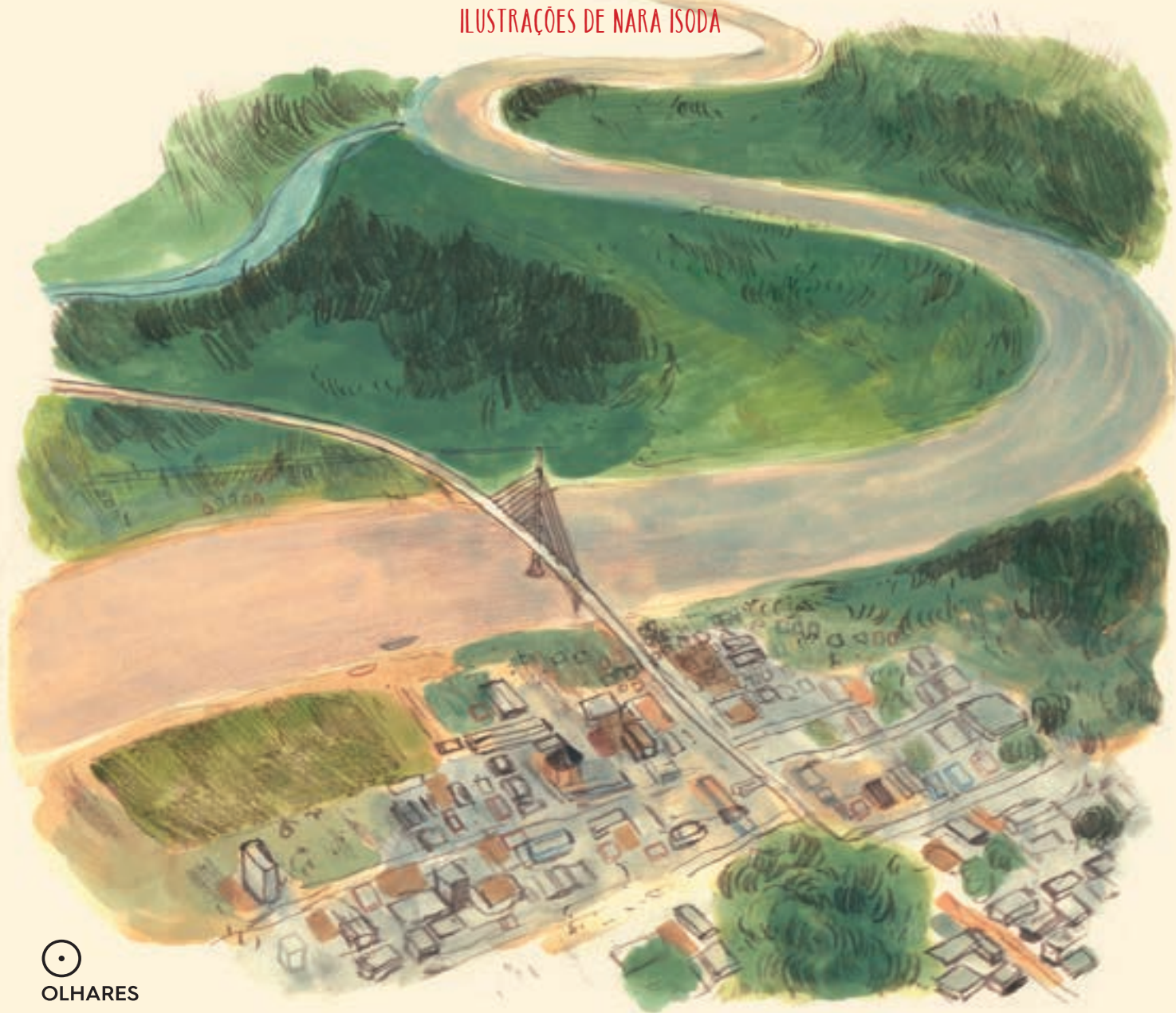


# CRUZEIRO DO SUL

A CIDADE DA GENTE

JOSÉ SANTOS, SELMA MARIA E ESTUDANTES  
DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CRUZEIRO DO SUL

ILUSTRAÇÕES DE NARA ISODA



OLHARES



# CRUZEIRO DO SUL

A CIDADE DA GENTE

JOSÉ SANTOS, SELMA MARIA E ESTUDANTES  
DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CRUZEIRO DO SUL

ILUSTRAÇÕES DE NARA ISODA



  
OLHARES

São Paulo 2021



A área de Responsabilidade Social Corporativa do Machado Meyer Advogados dirige as ações e o apoio concedido pelo escritório a projetos sociais, com foco na fomento e promoção da educação de maneira direta ou indireta. Valorizamos ações que inspiram nossos mais diversos públicos ao mostrar o poder transformador da educação.

Fazer parte do projeto “A cidade da gente”, em parceria com a Vaga Lume, organização do terceiro setor apoiada pelo escritório por meio de seu pilar de Leis de Incentivo e Investimento Social, é motivo de muito orgulho. É um exemplo de que a cultura colaborativa e o investimento na educação geram resultados em todos os níveis. Acreditamos que - juntos - podemos promover a transformação e a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Os livros, bem como a responsabilidade social corporativa, certamente fazem parte do caminho para atingirmos esse objetivo.

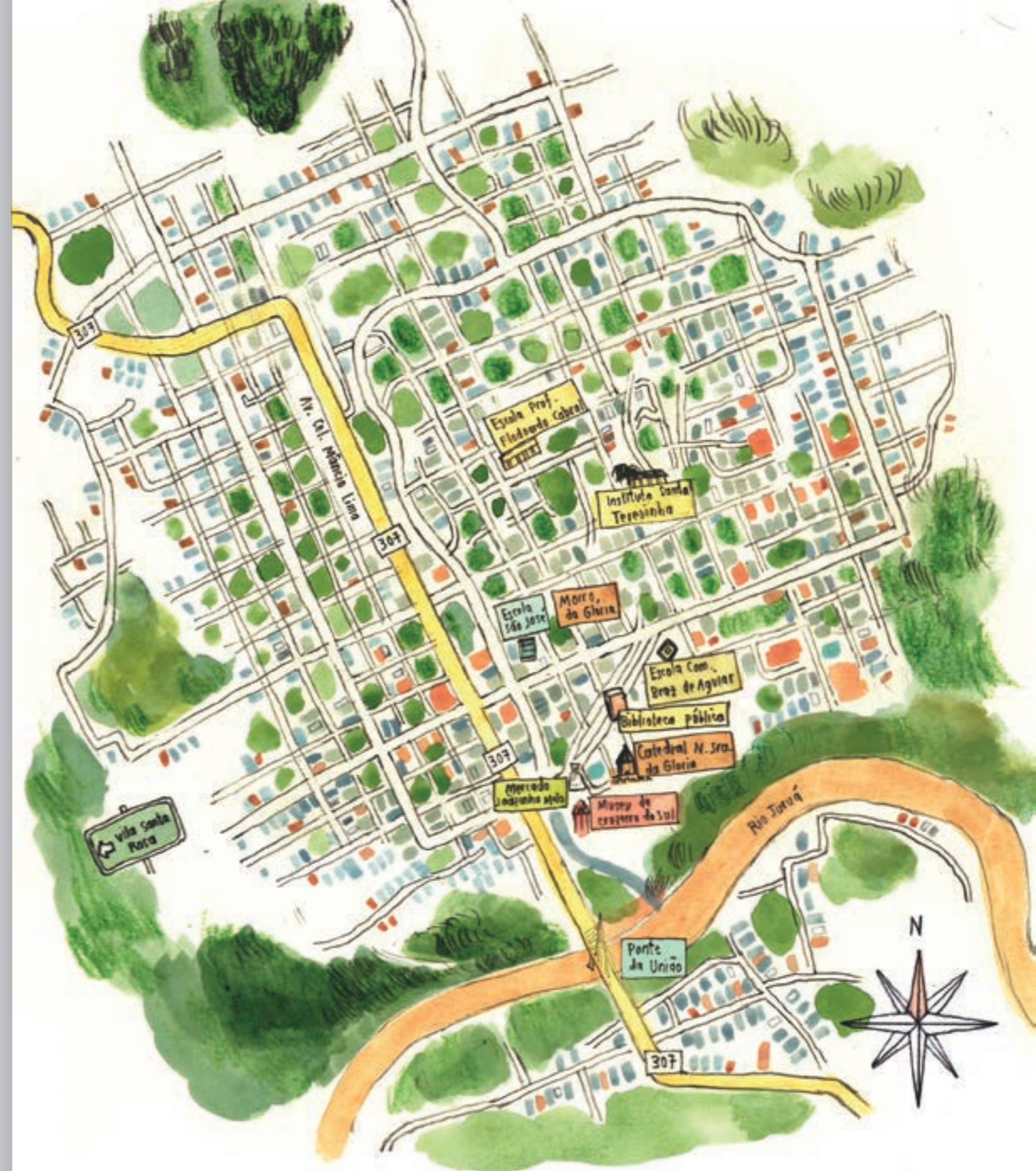
Esperamos que este livro alcance crianças, jovens e adultos dispostos a exercer a sua cidadania. O incentivo à leitura é primordial na formação de uma nação crítica e preparada para enfrentar os desafios à nossa frente. Por este motivo, o material foi produzido com a participação de alunos e professores da rede pública municipal de Cruzeiro do Sul.

**Machado Meyer Advogados**



## Sumário

- 8 Rio Juruá
- 16 Nossa flora
- 26 Comunidades indígenas
- 32 Lendas e causos
- 38 Patrimônio edificado
- 46 Culinária de Cruzeiro do Sul
- 56 O Morro da Glória e suas escolas
- 62 Vila Santa Rosa
- 70 Escolas e bibliotecas públicas





Quem consultar o mapa, irá encontrar a nossa cidade na região noroeste do Acre. Estamos a 632 quilômetros da capital Rio Branco – isso se fossemos contar em linha reta, pois pela estrada dá um pouquinho mais. E, bem mais perto, está a divisa com o Peru. Somos uma cidade de fronteira e recebemos boas influências de muitos lados.

Aqui vivem cerca de 90 mil pessoas, a maioria na zona urbana, mas muita gente está espalhada nas comunidades rurais e ribeirinhas, ramais e seringais. Nossos pais trabalham em diferentes atividades: na agricultura, na criação de gado e principalmente na prestação de serviços, com um comércio e um turismo bem ativos. E temos muito orgulho em dizer que aqui é feita a melhor farinha de mandioca do Brasil!

Somos uma cidade jovem, fundada em 1904, mas com muita história para contar. E vamos falar de Cruzeiro do Sul sob o ponto de vista dos moradores da Vila de Santa Rosa, de seus estudantes e professores. Além de muita gente que foi entrevistada por eles.

Vamos conhecer o nosso patrimônio em nove capítulos. E saber porque toda essa riqueza precisa ser cuidada, preservada. Isso não é só tarefa dos adultos. É das crianças também.

Entregamos agora para a leitura de vocês essa produção coletiva voltada à educação patrimonial, reunindo um olhar amoroso da gente de Cruzeiro do Sul.

## RIO JURUÁ

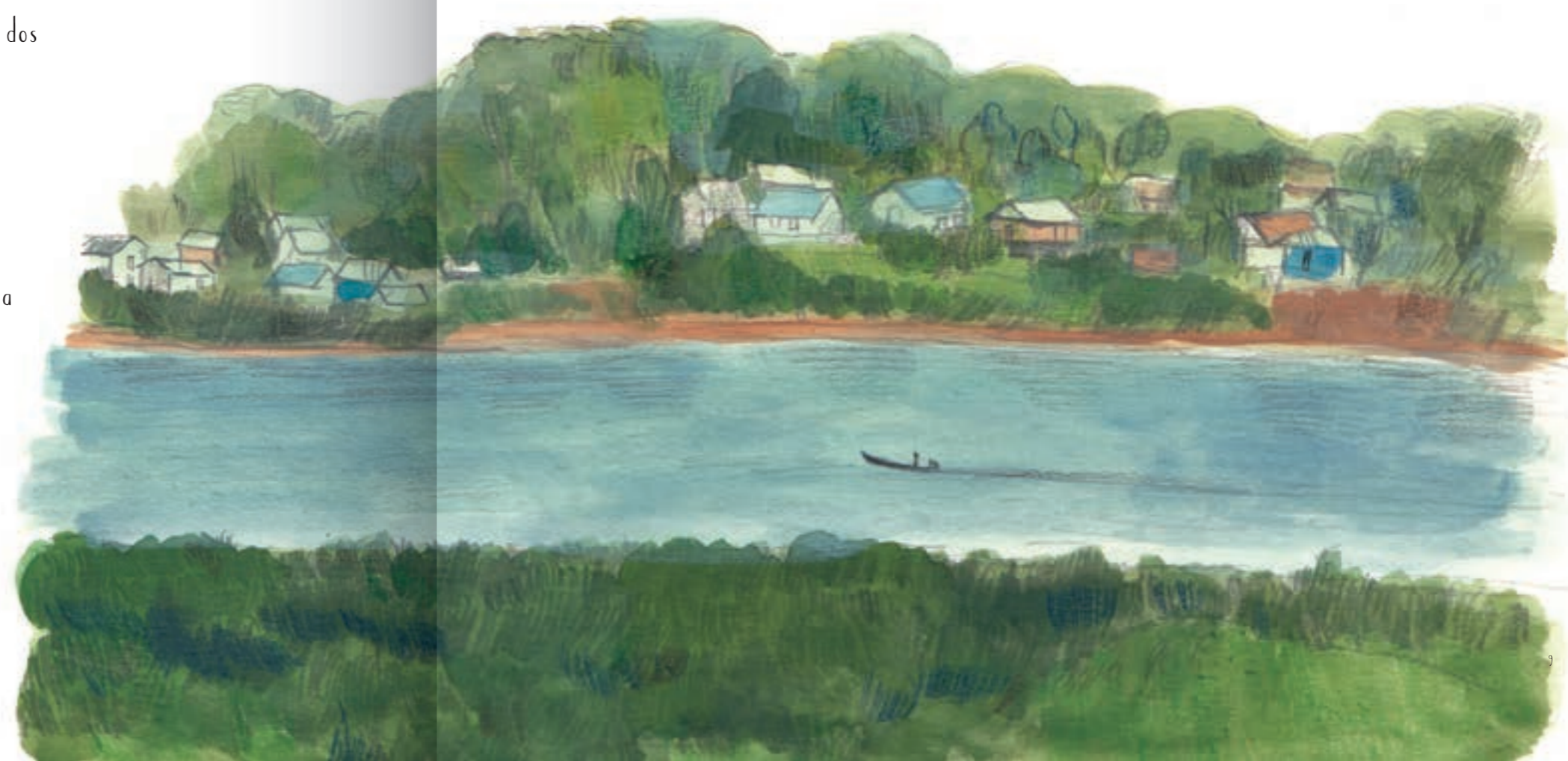
O rio Juruá banha dois países. Nasce nos Andes peruanos, na serra de Contamana, com o nome de "Yuruá". Ao chegar ao Brasil, passa por Foz do Breu e ganha a letra "J" no seu nome. Aqui, percorre os estados do Acre e do Amazonas, onde deságua no rio Solimões, perto da ilha de Taiacutua.

Ele é considerado um dos mais sinuosos do mundo, é curva que não acaba mais. E nessas curvas, surgem muitos rios que são seus afluentes, seus filhotes. Além dos peruanos Pucauyo e Dorado, temos os brazucas, dos quais vamos citar só alguns: Ipixuna, Mõa, Paraná dos Mouras, Igarapé Humaitá, Paratati, Aparição, Tejo (homenagem ao grande rio português), Igarapé Caipora e rio Breu.

E o que significa "Juruá"? Fomos consultar um tupinólogo. Tupinólogo? Isso mesmo, é o estudioso da língua tupi, falada pela maioria dos povos indígenas do Brasil.

O seu nome é Eduardo Navarro, professor da Universidade de São Paulo. E ele conta pra todo mundo, num verbete da Wikipédia:

"Juruá" vem de *iuruã*, que significa "boca alta, boca aberta, foz desentupida de rio". Foz? Para quem ainda não aprendeu, foz é onde o rio termina, desaguando num outro rio, numa lagoa ou no mar.



## Fauna do Juruá

Como o rio é muito comprido, a gente acha de tudo em volta e dentro dele. Ele é como um filme, cheio de novas cenas que vão passando conforme vemos seu percurso.

Na aula de ciências, a professora disse que a Amazônia tem a maior biodiversidade do mundo. É "biodiversidade" significa "vida (bio) diferente (diversidade)". Diferentes formas de vida, tanto de árvores e plantas (flora) como de mamíferos, insetos, répteis, aves e peixes (fauna).

Depois da aula, os alunos puderam fazer listas sobre a bicharada que vive por essas bandas.



Entre os mamíferos, encontramos os animais domesticados em grandes criações de porcos e de gado. E os selvagens, dentre os quais a lista é longa: anta, capivara, caititu, paca, tatu, queixada, preguiça, lontras e muitos, muitos macacos.

Os répteis também fazem a festa por aqui: camaleão, jacaré, tijuacu. E o sapo cururu, um sapão, lidera a lista de sapos, rãs e pererecas. Nas margens do rio, vivem muitas cobras, e precisamos ter cuidado, pois além das jararacas, ainda aparecem grandes sucuris e jiboias.





As aves são de perder a conta: garças, socôs, tetêus, jaburus e muitas andorinhas.



Urubu-rei, tucano do papo branco, gavião-tesoura, gavião pega-macaco. É o trio mais gracioso do mundo: beija-flor roxo, beija-flor e beija-flor do peito azul. Quanto beijo, uma verdadeira beijação de flor em flor!



Só falta contar de quem vive dentro d'água. Ai dividimos entre peixes de escama e peixes de couro. De couro: mandi, jundiá, caparari, surubim, dourado. De escama: matapiri, piau, curimatã, matrinchã, mocinha e a dentuça da piranha. Que tal agora você fazer uma lista dos peixes que esquecemos de colocar aqui?



## Igarapé Preto

Igarapé é um riozinho manso, sabiam? Um dos lugares mais lindos aqui é o Igarapé Preto, bonito de se ver, delicioso de se banhar. Pois suas águas são geladinhas, ótimas para fugir do calor, que às vezes chega aos 40 graus.

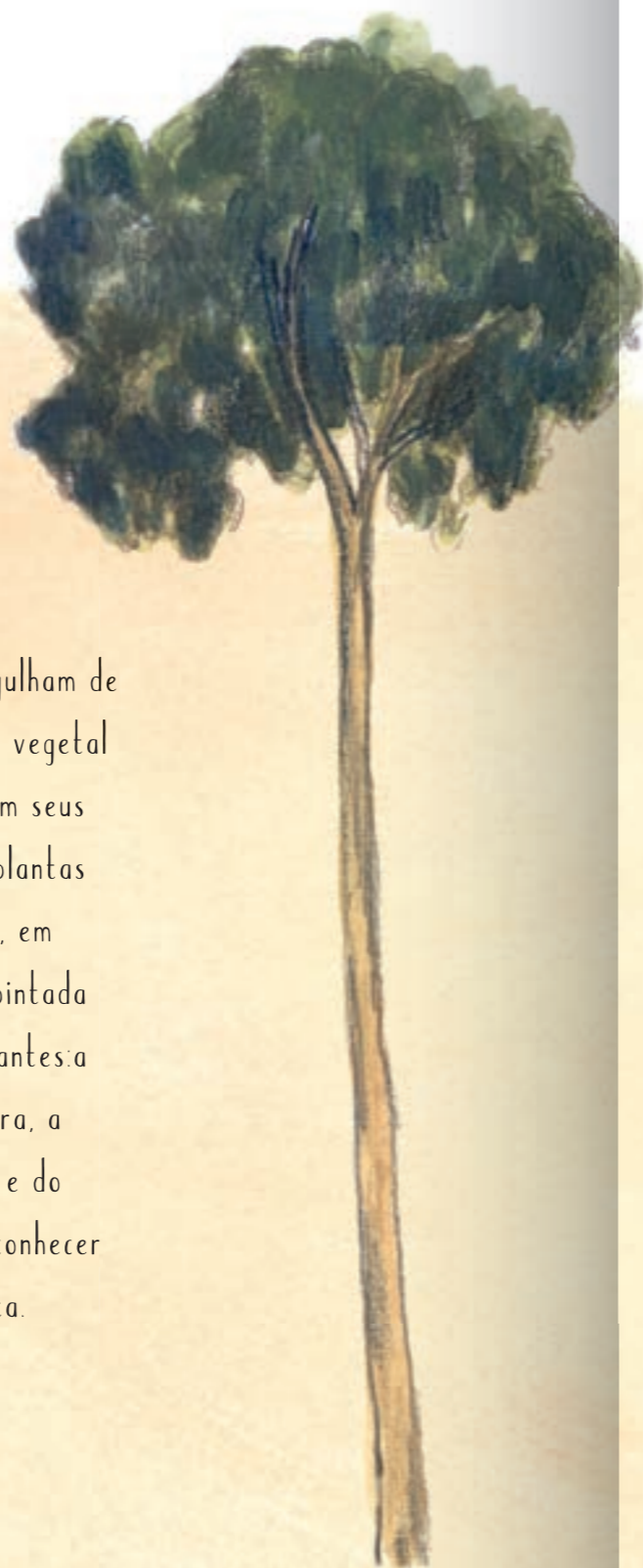


Um banho no Igarapé Preto é um programa de família obrigatório em Cruzeiro do Sul. As crianças, além de banhar-se, podem brincar nas margens e até construir castelos de areia. E também jogar futebol, brincar de esconde-esconde e fazer piquenique numa boa sombra.

Se alguém ainda não sabe o que significa "igarapé", vai aprender agora, com a ajuda da língua tupi. A "canoa" é chamada de *ygarapepé* quer dizer "caminho". É isso, o "caminho da canoa"! "Igarapé" é o nome que se dá a os braços longos de rio, que correm no interior da mata. Por serem estreitos e rasos, só canoas ou pequenos barcos podem passar por ali. É uma delícia fazer esse passeio.

## NOSSA FLORA

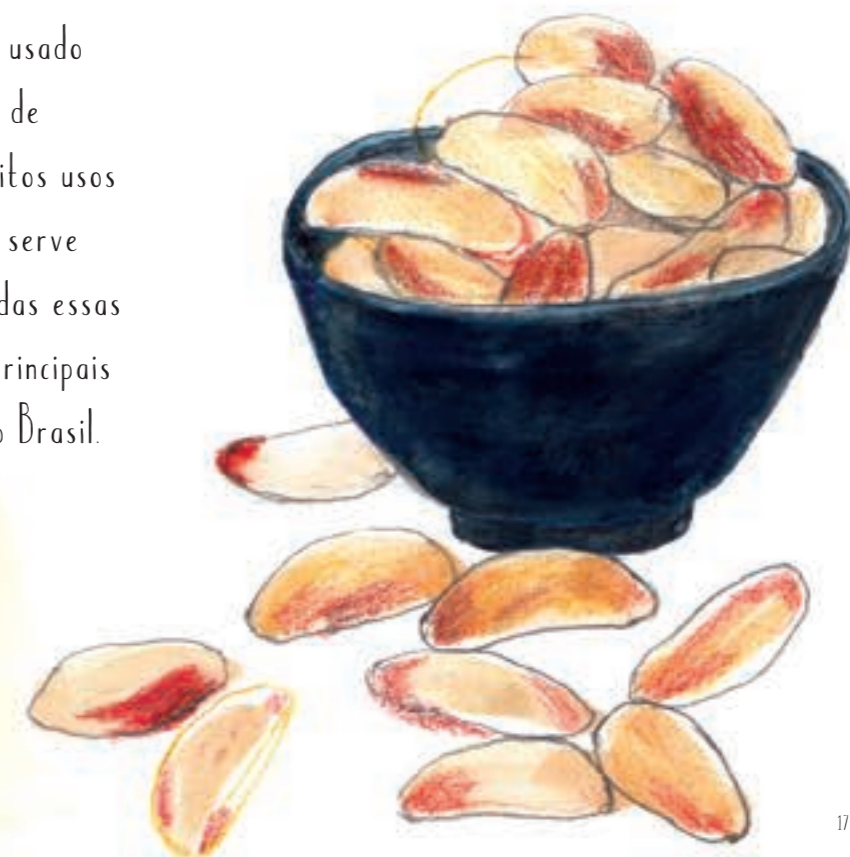
As crianças de Cruzeiro do Sul se orgulham de morar na região de maior diversidade vegetal do mundo. E aprendem desde cedo, com seus pais e avós, muita coisa sobre essas plantas e árvores que estão por aqui, por ali, em toda parte. Parece uma enciclopédia pintada de verde. São muitas espécies importantes: a castanheira, o buritizeiro, a seringueira, a paxiúba. Os frutos do açaí, do bacuri e do patuá, e por aí vai. A seguir, vamos conhecer melhor alguns desses tesouros da mata.



### Castanheira-do-Brasil

Vamos começar pela castanheira. Essa grande árvore, que chega a atingir 50 metros de altura, é conhecida pelos cientistas como *Bertholletia excelsa*, mas tem outros nomes muito populares: castanheira-do-brasil, castanheira-da-amazônia, castanheira-do-acre, castanheira-do-pará, noz boliviana, tocari ou tururi.

Da castanheira, tudo se aproveita. Na culinária, na forma de sorvetes, farinhas e doces. O óleo é usado na fabricação de produtos de beleza. A madeira tem muitos usos na marcenaria e sua casca serve para o artesanato. Por todas essas qualidades, ela é um dos principais produtos de exportação do Brasil.



## Seringueiral

Conhecida também como "árvore-da-borracha" e pelo nome científico de *Hevea Brasiliensis L.*, a seringueira é uma árvore bonita de se ver. Chega a 30 metros de altura e sua madeira é branca e leve.

De seu látex, se fabrica a borracha, que marcou a história de nossa região. Muita gente veio para cá explorá-la. Ela tem presença especial na vida das crianças, seja no material escolar ou em brinquedos como a bola, a boneca e os bichos. É uma brincadeira sem fim com a vantagem de nunca quebrar.



## Açaí

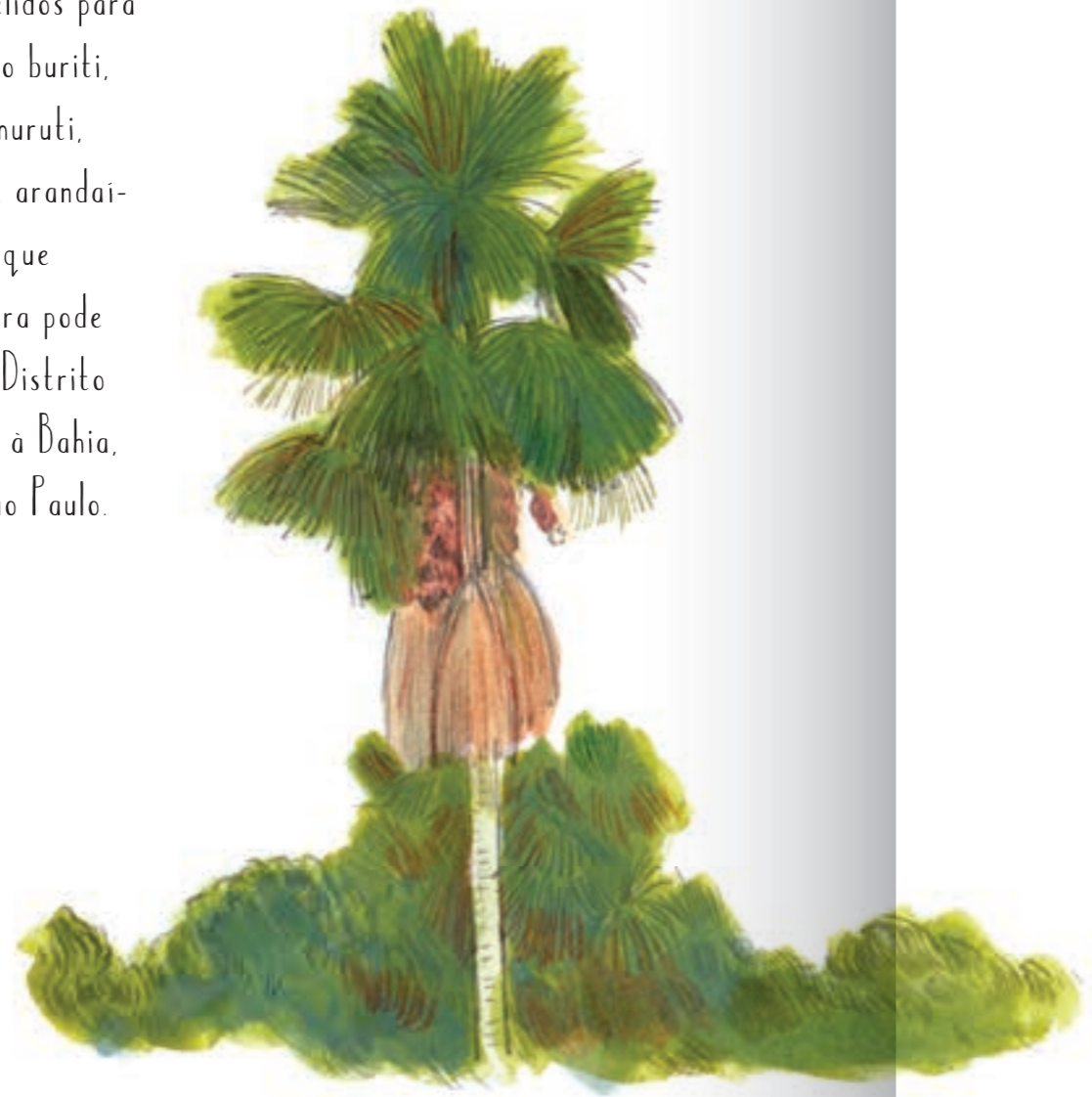
O açaizeiro é fácil de ser encontrada no Acre. É só de pensar numa cumbuca de açaí, já dá água na boca. Esse filho do norte ficou conhecido em todo o país, com seus sucos, geleias, doces e sorvetes. Mas também pode acompanhar um prato de carne de sol e macaxeira e tudo dá certo.

E tem mais: o açaí é estimulante, previne o envelhecimento, fortalece o sistema imunológico, melhora o funcionamento do coração, combate a anemia, dá energia. É ainda ajuda a emagrecer. Ele é um superalimento que faz muito bem à saúde, além de ser uma delícia.



## Buriti

Um cientista veria essa árvore maravilhosa e diria: – é a *Mauritia flexuosa*! E pronto, assunto encerrado. Mas o povo não, são muitos e muitos nomes, como se fossem apelidos para um mesmo nome de batismo: coqueiro buriti, buritizeiro, miriti, muriti, muritim, muruti, palmeira-dos-brejos, carandá-guaçú, arandá-guaçú, o que indica a vasta relação que temos com essa espécie. Essa palmeira pode ser encontrada em 17 estados e no Distrito Federal, do Acre ao Pará, do Ceará à Bahia, do Mato Grosso a Minas Gerais e São Paulo.



A espécie, chamada pelos povos indígenas de “árvore-da-vida”, é totalmente aproveitada pelas comunidades. E vive muito, passa dos 100 anos. Alguns exemplares com até 400 anos de idade já foram encontrados.

A produção de óleo de buriti é feita a partir da polpa e da semente. Vira doce, sorvete e picolé, além de ajudar no tratamento das queimaduras. Nós usamos tudo da árvore: tronco, folhas e frutos. Ela vira balsa, móvel, tapete e bijuteria. E também comida, brinquedo e remédio.



## Plantas que curam

Dava para fazer um livro inteirinho sobre os remédios caseiros aqui da nossa região. A meninada pesquisou com os mais velhos e conheceu uma verdadeira farmácia da terra. Pra dor de estômago, o bom é o chá de casca de laranja. O chá de erva cidreira é calmante. E até as inflamações diminuem usando o cajirú misturado ao sangue de dragão. Veja algumas receitas fáceis para os seus pais fazerem em casa:



### Corama e malvarisco

Para tosse. Soque as folhas e tire o sumo, coloque em uma colher pequena com um pouco de sal e tome antes de dormir.

### Casca de laranja

Para dor no estômago. Coloque a casca de laranja seca com um pouco de água e leve ao fogo até ferver.



### Mastruz com ovo de pato

Para fortalecer o organismo. Lave o mastruz e bata no liquidificador. Depois, misture o líquido com leite condensado e o ovo de pato. Deixe na geladeira. Beba três vezes por dia durante uma semana.

## Poemas da nossa flora

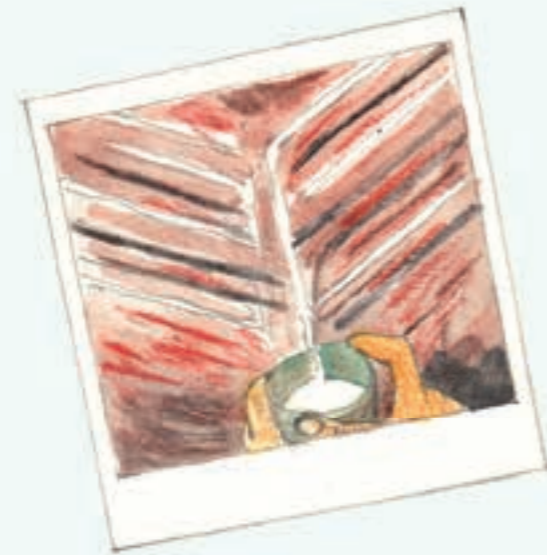
### Que árvore é essa?

Ela é importante na mata  
Você também acha?  
É quando nela se fala  
lembramos logo da borracha

Ela é muito popular.  
Os gringos gostam de fotografar  
Para lembranças guardar  
Devemos protegê-la pra não acabar

Eu gosto de estudar  
Mas quando as respostas errar  
É a borracha da seringueira quem vai apagar

Devisson Kauê, Maisa Silva e Ronald Moreno.



### Tesouros da Floresta

Buriti! O suco a gente ama  
que na nossa mesa não pode faltar  
e é bom de provar aqui no Juruá

Muita farinha aqui existe  
Pra dela provar  
Mas cuidado com a mandioca brava  
pro intestino não afetar

Caminhando pela mata, vejo o pé de patoá  
Subo no pé de açaí, pra me lambuzar.  
Depois, acho Castanhas que dizem ser do Pará  
Mas, na verdade, são Castanhas do Acre  
pro cruzeirense saborear



# COMUNIDADES INDÍGENAS

## Os Nawa

Na região de Cruzeiro do Sul, vivem muitos povos indígenas. Essa diversidade é uma das grandes riquezas da região e escolhemos contar sobre alguns deles, pois seria impossível falar de todo mundo.

Vamos começar com os Nauas, ou melhor, os *Nawa*, um povo indígena que habita o vale do Juruá há séculos. Eles vivem na região de Mâncio Lima, mas têm com nossa cidade uma relação afetiva e histórica. O grande teatro da cidade é o *Teatro dos Nauas*. Nosso time de futebol se chama *Nauas Esporte Clube* e já foi vice-campeão acreano. O jovem jornalista Tarrison Nawa deu uma entrevista ao projeto e contou muitas coisas interessantes.



Diz ele:

"Meus parentes se sentem à vontade se escrevemos *Nawas*. É assim que querem ser chamados.

Diz o censo que são mais de 350 pessoas que estão em suas terras no Parque Nacional da Serra do Divisor. Mas, na verdade, são muitas mais, pois não entraram nessa conta quem vive nas cidades e arredores.

Fomos um dos primeiros grupos a terem contato com os não indígenas e isso teve resultados terríveis para nossa cultura e nossa língua. Doenças, perseguição e escravatura. Mas lutamos para preservar nossa cultura. É a nossa língua, a língua Pano. Hoje, falamos mais o português, mas sabemos muitas e muitas palavras. É muitas histórias. Dentro da escola, há o esforço para que os mais novos possam aprender totalmente a nossa língua."





## Os NukeKuín

O povo Nuke Kuin também é conhecido como Katukina. Nossas crianças aprenderam muito assistindo à entrevista do líder e professor indígena Kapy, que também tem um nome brasileiro: Fernando Rosa da Silva Katukina.

“Na verdade, o nome do nosso povo é Nuke Kuin, que significa “povo verdadeiro”. Os nãoindígenas nos chamam de Katukinas e deixamos assim, pois é mais fácil para eles pronunciarem.

Somos mais de 700 pessoas, que estão em sete aldeias, em duas terras indígenas, uma em Cruzeiro do Sul e outra em Taruacá. Nossa origem é rio Juruá, mas hoje nós moramos na beira do rio Campinas.”



A língua Pano é muito viva, 97% da população das aldeias fala pano e só 3%, os mais novos, é que já sabe o português. Nas escolas das aldeias, a alfabetização acontece primeiro na língua-mãe, até os nove anos de idade. O principal professor é bilíngue e traduz tudo do português para o pano, até o hino nacional.

“O que eu quero, o que nós queremos, é que nós, povo Nuke Kuin, mantenhamos o nosso ritmo, falando a nossa língua, morando na nossa aldeia, cuidando da nossa floresta, dos nossos rios, cuidando da nossa terra, da família e continuando a viver na nossa aldeia.”

## Os Ashaninka

Perto de nós, no sudoeste do estado, está o povo Ashaninka. Sua população é numerosa: noventa mil vivem no Peru e mil e setecentos no Brasil. E, entre eles, está uma liderança muito respeitada, o Bankyan, também conhecido como Denke.

Denke, quando era criança, queria viajar o mundo inteiro, ver todos os tipos de animais e florestas. Em 1992, fez, com seu irmão Moisés, uma longa viagem de ônibus até o Rio de Janeiro. Ele viu, das janelas do ônibus, toda a região desmatada, repleta de pastos no caminho. Em São Paulo, que decepção, viu o rio Tietê totalmente poluído.



Dessa forma, ele percebeu que tinha que fazer algo para mudar essa situação. Nos anos seguintes, ensinou as crianças a plantar árvores. Ali, na região de Marechal Thaumaturgo, eles criaram o projeto YorenkaAtame.

Os Ashaninka não querem apenas sobreviver. Eles querem ajudar a curar o mundo. Criar uma floresta para todos. E já plantaram mais de dois milhões de árvores, transformando o que eram pastos em novas matas.

Denke e seu povo sonham plantar 10 milhões de árvores para reflorestar a Amazônia.

Este trabalho tem reconhecimento no Brasil e no exterior, com vários prêmios ambientais e de direitos humanos. Mas a homenagem que Denke gosta muito é a música que Milton Nascimento fez para ele e que tem seu nome.



## LENDAS E CAUSOS

Para quem mora na cidade grande, história de encantamento parece coisa inventada dentro de um livro, mas quem vive pertinho da floresta sabe que, nesse espaço verde, imenso, misterioso, habitam muitos personagens que podem virar amigos ou inimigos dentro da nossa imaginação. Será que é só imaginação?



A professora contou que nossa região tem muitas lendas e histórias de encantamento, que são transmitidas de geração em geração e fazem parte do nosso patrimônio, nosso patrimônio imaterial. Quando as crianças ouvem uma delas, contadas por seus pais e avós, ficam muito curiosas e, às vezes, até com um pouquinho de medo. Será que essas situações aconteceram de verdade? Será que estas criaturas existem mesmo? Apresentamos aqui duas dessas histórias fantásticas, a do Caboclinho e a do Caipora.



## Caboclinho

Certo dia, um rapaz foi caçar em cima de uma copaíba. E ouviu uma nambu apitar cinco apitos devagar, longe. Ele se arrepiava, pois o sopro da nambu azul tem muito mistério. Ouviu, de novo, a nambu que, agora, já estava debaixo da rede dele.

Ele atirou, mas a ave voou. Atirou de novo. Nada. Outro tiro. E ela escapou mais uma vez. O caçador olhou pra baixo e viu um velho passando em uma grotá, e, de repente, parou.



O rapaz sentiu um vento forte, olhou bem e ainda viu o velho parado, assustador. Na hora, fez uma promessa: se desaparecesse aquilo da vista dele e nada lhe acontecesse, ele nunca mais caçaria. Quando olhou para a grotá, não viu mais o velho. Correu para casa e caiu na cama, tremendo. Dormiu logo e num sonho, viu um caboclinho que se transformava em velho e depois em uma nambu com um apito assustador. O rapaz acordou com tanto medo, que nunca mais voltou naquela mata.



## Uma surra no meio do mato

Era noite de quinta-feira, quando um homem foi mexer num roçado. E lá, viu o rastro de um veado. Pegou seus três cachorros para seguir o rastro. Eles correram e, não demorou muito, viram o bichinho. Arreganharam os dentes e atravessaram o igarapé atrás dele. De repente, os cães caíram no chão, uivando, todos os três. O caçador mexia a lanterna, mas não via ninguém. E os cachorros continuavam apanhando, gemiam que só.



O homem se encheu de medo, mas mesmo com as pernas tremendo, foi acudir os bichos. E apanhou também. Só que não conseguia ver quem batia nele. Desmaiou. Só bem depois foi que ele conseguiu se levantar e ir para casa, cheio de marcas nas costas. Ele pensou: "só pode ter sido o pai das caças, o caipora". Dali em diante, nunca mais caçou na quinta-feira, pois aprendeu, duramente, que aquele dia é um dia sagrado para a mata.

## PATRIMÔNIO EDIFICADO

Será que todo mundo sabe que existem vários patrimônios? O patrimônio ambiental, o imaterial – que são nossas danças, festas, comidas – e o patrimônio edificado – nossas casas, prédios, praças. Para saber mais dele, nossas crianças entraram no ônibus com sua professora e foram lá para o centro da cidade entrevistar o historiador cruzeirense Franciney de Almeida, que sabe tudo e mais um pouco sobre o assunto. Ele contou que as construções mais antigas da cidade foram erguidas por volta de 1904. A maioria se perdeu no tempo, pois eram de madeira.



Entre as construções que sobreviveram ao tempo, há o antigo Colégio Rio Branco, onde funciona, atualmente, o Crie. A antiga prefeitura era na casa hoje ocupada pelo Museu José Augusto. E temos o cais, que é de 1912. Ai, Francilei ficou inspirado e vejam como falou bonito: "o cais era visitado à tarde, as pessoas iam ver o rio, namorar, falar com amigos. Também era lugar de choro, pois teve gente que foi embora para nunca mais voltar. Mas também de alegria, quando aquele parente que estava doente voltava, e voltava bonzinho. Nosso cais era o local dos encontros e desencontros, das chegadas e das partidas."

A entrevista ensinou uma coisa interessante: que o verbo tomar pode ter dois sentidos opostos. Popularmente, tomar é derrubar. Mas, felizmente, na área da cultura, falar em tombamento é exatamente o contrário. E Francilei terminou a conversa assim: "quando se fala de história, tomar é preservar e garantir o futuro das construções. Por exemplo, nosso Cais já foi tombado e, para sempre, fará parte do patrimônio histórico de Cruzeiro do Sul."



## Ponte da União



Você sabia que nem toda construção precisa ter mais de um século, dez séculos etc., para ser considerada um patrimônio edificado? Um bom exemplo disso é a nossa Ponte da União.

Ela foi inaugurada em 2011, com muita festa. Mas demorou 43 anos para chegar. A BR-364 começou a ser construída em 1968 e, desde então, o povo sonhava com o dia em que poderia cruzar o rio sem a ajuda das balsas e catraias.

A ponte tem 550 metros de extensão e, no centro, uma torre de 70 metros de altura. Além das pistas de carros, tem duas passagens só para pedestres, que podem ver, dali, a beleza do rio Juruá.

A turma do bairro do Miritizal, que fica na margem esquerda do rio, vibrou com a construção. Eles, que ficavam tão longe do centro, agora podem chegar lá em minutos. A Ponte da União é uma das mais bonitas e modernas pontes que existem no Brasil.

## Mercado Joãozinho Melo



Para falar desse mercado histórico, entrevistamos o Sr. Aldemir Marciel, que é o Secretário de Cultura da nossa cidade. Ele conta que o mercado foi construído há uns 80 anos, por volta de 1940, e é um dos principais centros do comércio popular de toda região do Vale do Juruá. Ali estão lanchonetes, pensões, restaurantes, sapatarias, papelarias, lojas de roupas e de comida.

Você poderá encontrar um chapéu de palha bem bonito para se proteger do sol, um pacote da boa farinha de mandioca, consertar seu celular, imprimir um trabalho da escola. E ainda tomar um delicioso caldo de cana acompanhado de uma coxinha de frango. Ou comer um doce de buriti. Que delícia!



## Catedral e Novenário

Quem contou a história da Catedral e do Novenário para as nossas crianças foi um casal muito simpático, a dona Maria Randélia Brito e o seu Alberto Brito, que têm mais de 80 anos de idade e acompanharam de perto o crescimento de Cruzeiro do Sul.



Eles disseram que, com a chegada dos padres alemães, no início do século passado, foi criada uma primeira igreja, no Morro da Glória, mas a cidade cresceu e foi ficando pequena para tanta gente. Resolveu-se, então, em 1957, construir outra igreja muito grande, uma catedral, bem no centro da cidade. Para caber mais de mil pessoas. Ela ficou pronta em 1965 e é um cartão postal cruzeirense. Tem uma forma muito original: parece uma oca indígena, só que gigantesca, pois tem mais de 20 metros de altura.



Há décadas, o casal ajuda na organização do Novenário de Nossa Senhora da Glória. É uma festa religiosa que existe há mais de cem anos e reúne pelo menos 50 mil pessoas vindas do Acre, de outros estados e até de outros países. E olha que legal: além da parte religiosa, a igreja, em parceria com as escolas, organiza concursos de escrita com os estudantes sobre a festa, um tema que não tem fim.

## CULINÁRIA DE CRUZEIRO DO SUL

A culinária do Acre é feita de muitos jeitos: das tradições nordestinas, trazida pelos migrantes, na maioria cearenses, que vieram trabalhar nos seringais; da Bolívia, à qual essas terras pertenciam até 1903, com contribuições como a saltenha, um saboroso pastel de forno, e dos povos da floresta, com seus muitos preparos de peixe.

Em Cruzeiro do Sul, o forte é a cozinha nordestina e a amazônica, com uma diversidade de receitas que são de dar água na boca. Além de dois pratos apreciados no Brasil inteiro: o churrasco e a feijoada.

O café da manhã das crianças e suas famílias tem muita variedade nas casas cruzeirenses. Com tapioca, baixaria, café puro ou com leite, suco, banana comprida, cuscuz, e, às vezes, o pão francês. Ah, baixaria não tem a ver com briga ou discussão irritada. É um prato salgado, que também se come cedinho, e leva cuscuz seco, verdura, ovo e carne moída.



O almoço por aqui varia: pode ter deliciosos pratos nordestinos, como buchada de bode, baião de dois, carne seca com macaxeira. Ou a festa dos peixes: caldo de piranha, jundiã cozido com cheiro verde, traira ensopada, tambaqui assado na brasa, inteiro, recheado com farofa. Aliás, feita com a melhor farinha de mandioca do país, como dizem todos daqui.



À tardinha, o lanche tem sucos e frutas colhidas aqui, um bolo de laranja para acompanhar, além do doce mungunzá.



Mungunzá, que coisa mais gostosa! Quem nunca provou? Essa palavra tem origem africana e vem da língua kimbundo, de *um'kunza*. Mas dá para traduzir para o português como "milho cozido". E, para fazer, usamos o milho pilado já maduro, que depois é cozido no leite, com coco, cravo, canela e açúcar.

E para jantar? São muitas as opções, com sopa de peixe ou caldos, como o de cabeça de traira. E quem quiser fazer um fogo, poderá assar um matrinchá moqueado, que é ser assado enrolado em folhas compridas, como as da bananeira. Uma tradição indígena partilhada por todos. .



Não podemos deixar de falar da mandioca, essa rainha da terra. É de sua farinha, que é um dos principais produtos agrícolas do Acre, com seu plantio e produção toda a base da agricultura familiar.



Os alunos do 5º ano foram visitar uma pessoa que sabe tudo do assunto. É lá no Sebrae, onde ela trabalha, a analista Muriely Nobrega teve uma conversa gostosa com a criançada.

Ela contou como a farinha de mandioca é importante para a cidade. Essa farinha especial, com um sabor levemente adocicado, é a mais apreciada de todas! Grossa, peneirada, com coco ou castanha, amarelinha, branca, crocante ou fina, a farinha é também a melhor amiga do açaí, assim como do pirão e da caldeirada.

Produzida nas populares "Casas de Farinha", num processo chamado de "farinhada", ela é feita de maneira tradicional pelas famílias do Vale do Juruá há mais de 100 anos.



Para contar como se faz o Açaí Cremoso, os alunos do 5º ano, da professora Janete Silva, aprenderam a técnica da "receita rimada", onde se pega a lista dos ingredientes, o modo de preparo e se transforma num poema com muitas rimas.



A receita de açaí cremoso, vou ensinar  
200 gramas de açaí para começar  
Uma lata de leite condensado deve acrescentar  
E mais creme de leite para misturar

No liquidificador, o leite condensado vamos colocar  
A polpa junto ao leite devemos adicionar  
Por último, o creme de leite temos de juntar  
Divida em tigelas e coloque no congelador para gelar

A receita está pronta, é esperar e servir.  
A receita é saborosa e ninguém vai resistir  
Para acertar, é só os passos seguir.



Agora você irá se deliciar com um poema muito especial, numa parceria da dona Juraci Nunes, de 66 anos, que sabe fazer os deliciosos biscoitos de goma, com o poeta Evilásio Silva. Ela contou tudinho sobre o preparo para que ele transformasse em versos.

### Biscoito de goma

O biscoito de goma é uma receita tradicional  
E seu sabor vem conquistando fama nacional  
Quem prova nunca esquece, seu sabor é marcante  
Bem temperado e assado, fica gostoso, macio e crocante.

Goma, coco, leite e manteiga são seus ingredientes  
É sempre feito por mulheres guerreiras e inteligentes  
Que acordam cedo e logo os temperos começam a traçar  
Para depois da massa pronta, os biscoitos confeccionar

Em muitos lugares tentam o biscoito fabricar  
Mas não há tão saboroso como os do vale do Juruá  
A receita daqui tem segredo que jamais vamos contar  
Nem adianta a cabeça quebrar, pois jamais vai desvendar.

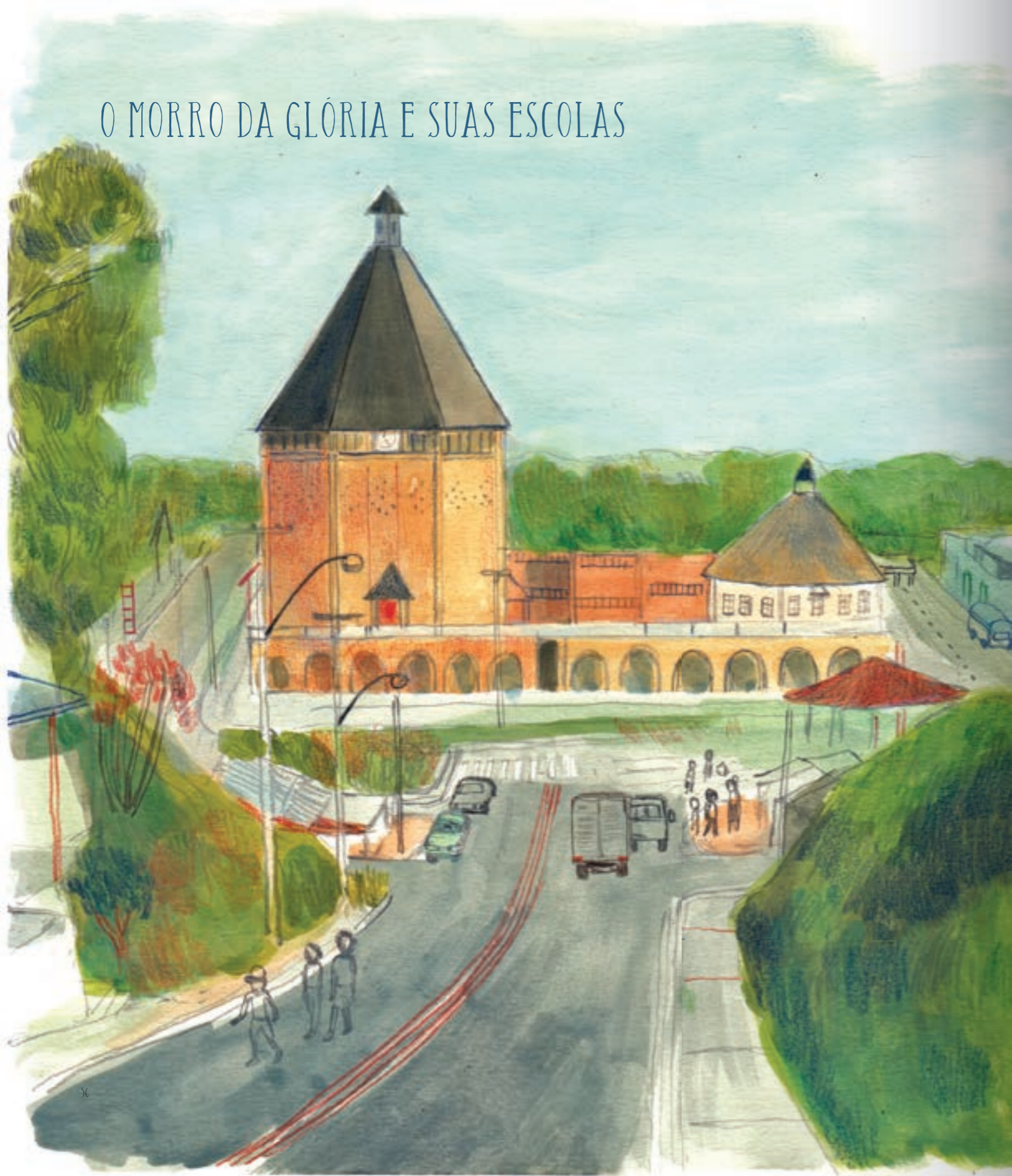
A receita foi ensinada por dona Juraci  
Que a mais de 40 anos faz biscoitos por aqui  
Ela conta que até já viajou  
E a receita em outros lugares ensinou

Ela tem 66 anos e oito filhos já criou  
Com a renda dos biscoitos, o marido ajudou  
Do lado de seu Edmilson desde os 15 anos ficou  
E hoje diz que seus sonhos realizou.

Com os filhos encaminhados ela vive a lembrar  
Das difíceis barreiras, que nunca a fizeram desanimar  
Hoje aposentada, vive feliz no aconchego do seu lar  
Mas os biscoitos continua sempre a fabricar.



## O MORRO DA GLÓRIA E SUAS ESCOLAS



Do centro da cidade, já podemos avistar este famoso bairro. Quem ficar em pé, ao lado da catedral, verá uma ladeira comprida. E, se tiver fôlego para subir todos os 120 degraus, logo será recompensado. Vai ver a cidade do alto, os prédios, as casas tão pequeninas que parecem de brinquedo. É o largo rio Juruá, com seus barquinhos indo pra lá e pra cá. Uma paisagem sem igual na Amazônia.

Quem andar por suas ruas irá encontrar a arquitetura e a história de mãos dadas. A primeira igreja da cidade, a de Nossa Senhora da Glória, que deu nome ao bairro, foi construída aqui. Além disso, temos duas das escolas mais antigas de Cruzteiro do Sul: Santa Terezinha e São José. E uma outra, de música e dança. Sabem qual é? A Escola de Samba Unidos do Morro da Glória!

## Instituto Santa Terezinha



Nossos alunos foram visitar a escola e entrevistaram sua gestora, a irmã Gabriela Dumont Silva, que contou que, lá no século passado, em 1937, um grupo de religiosas alemãs, as irmãs de Santa Maria Madalena, vieram para cá e construíram sua primeira escolinha, na rua Alfredo Teles. Era pequena, pobre e simples, feita de tábuas e palha. E deu certo! Em 54, já estava de casa nova, um prédio de alvenaria, grande e alegre. E que está de pé até hoje.

Essa escola particular continua muito ativa. Oferece Ensino Fundamental e Médio para cerca de 580 alunos. Nas suas salas brancas, passou gente que todos conhecemos, como o atual governador do Acre, Gladson Cameli.



## A Escola São José

A Escola São José foi fundada, em 1948, por padres alemães. Nos primeiros tempos, era um seminário, quer dizer, uma escola só para quem queria ser padre. Em meados da década de 1950, começou a receber como alunos os meninos da cidade. Na verdade, apenas os filhos de seringalistas e empresários locais, pois só eles podiam pagar as mensalidades.

Atualmente, 1.269 alunos ocupam o espaço da escola, em classes de 1º ao 9º ano. Somente em 1975, a escola passou a ser mista. Demorou um tempo para as meninas conseguirem chegar lá, não é? Mas foi uma importante conquista para as mulheres da cidade. Elas se destacam nas provas e nos esportes, além de tornar o dia a dia da escola muito mais alegre.

Muitos cruzeirenses queridos estudaram na São José, como o nosso prefeito Ilderlei Cordeiro e as educadoras Michele Jucá, Sernizia Correia e Rosa Mônica, que é a atual gestora da escola.



## VILA SANTA ROSA

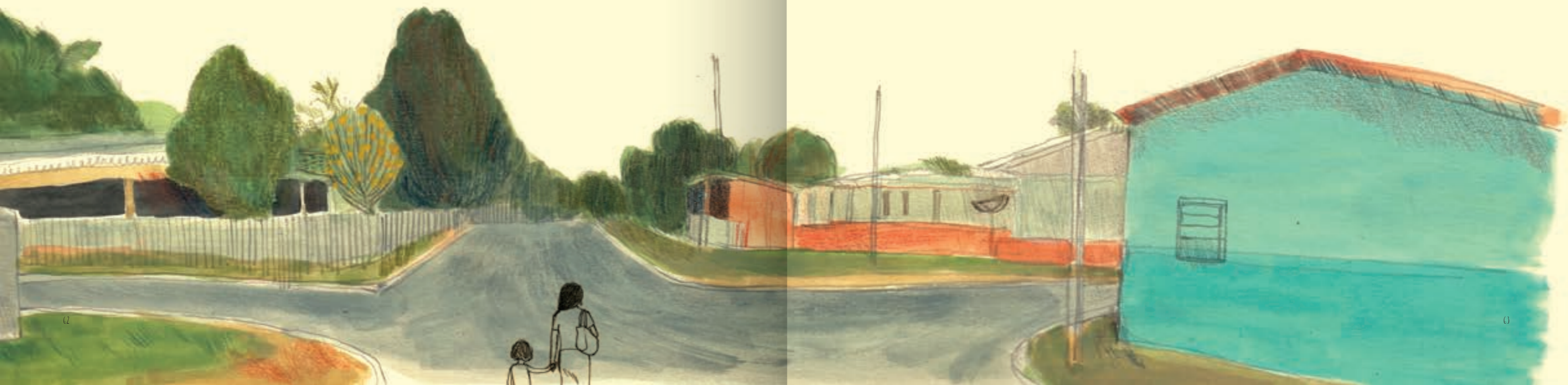
A vila Santa Rosa é uma comunidade rural de Cruzeiro do Sul, distante 25 quilômetros do centro da cidade. Aqui vivem aproximadamente 600 famílias. Possuímos um posto de saúde, duas escolas e uma creche. Também cinco igrejas, um centro comunitário, associações de moradores e piscicultores. É um vereador que nos representa.

Uma das atrações da vila é a biblioteca, que fica na escola Antônio Ferreira Gomes, com mais de dois mil títulos. Muitos deles são tesouros da nossa literatura.

As principais ruas de Santa Rosa são asfaltadas. Temos um comércio ativo. E, para além da vila, muita gente mora mais afastada, nos ramais.

A economia passa pela agricultura familiar, com cereais e verduras. Enoslagos e igarapés do rio Moa são pescados muitos peixes: traíra, sabarú, mocinha, piaú, casca-grossa, cangati, pintadinha, piranha, tambuatá, bodó e outros.

As crianças que vivem na comunidade levam a vida com liberdade em meio à natureza. Aqui é muito tranquilo, parece que o tempo até demora a passar.



O incansável Evilásio Silva, agente de leitura e diretor da escola Antônio Ferreira Gomes, é uma grande revelação da poesia local. Contribuiu com vários temas do nosso livro, fazendo poemas inspiradíssimos sobre aspectos da comunidade. Aqui está um trecho de um deles:

### Santa Rosa do Juruá

Santa Rosa do Juruá  
Vila boa de se visitar  
Venha nos conhecer,  
E se encantar

Santa Rosa é mesmo  
uma comunidade pacata  
Mas não se engane,  
a vida aqui não é tão barata

Ao fim da tarde as pessoas  
caminham ou conversam na rua  
curtem o pôr do sol,  
o anoitecer e o nascer da lua

Aqui fazemos farinha,  
tapioca, belêu e biju,  
Comemos charque com feijão,  
arroz e farofa de pirarucu

Temos três escolas  
que se doam no educar  
A Marcílio, no ensino médio,  
a AFG, no fundamental  
e a creche, no seu começar

Em 2002, a Vagalume  
surgiu para nos apoiar  
Vieram Silvia, Lais e Fofa  
com livros para doar

O encanto das crianças  
é o nosso combustível  
De posse de um bom livro  
fazemos o impossível.



## Como tudo começou

Dona Creuza Ferreira de França, 73 anos, lembrou os primeiros tempos da comunidade numa entrevista feita pelos estudantes: "Eu conto o que meu pai contava, que aqui nem era chamado de vila, só tinha moradores nos ramais. E essas famílias se juntaram para brocar um pedaço e fazer uma igreja. Ai foram chegando os primeiros, com o seu Antenor."

Seu Donato Negreiros, 78 anos, completou: "Na minha época só tinha oito casas de moradores, o pioneiro era Seu Antenor Gualberto, os outros eram o Antônio Cacheiro, a Dona Raimunda, Raimunda Nonata Dias da Silva, Seu José, Joaquina e Dona Maria Augusta."

Inácio Leite, 51 anos, agricultor de boa memória, falou de coisas curiosas: "Aqui não tinha lojas, o comércio era nas casas. Não tinha energia também, as pessoas iluminavam os lugares com a poronga, a lamparina. Nada de televisão e celular. Só existia o rádio, pois ele funcionava com pilhas. Os transportes eram a pé ou à canoa. Quem tinha cavalo era rico. A escola já existia, mas de madeira, coberta com palha. Falando em palha, os colchões eram recheados de capim. Isso foi no começo, quando aqui era apenas um punhado de casas."



## A aventura de se chegar à escola

A Verônica Viana e o Leonardo Maciel, que são voluntários da nossa biblioteca, fizeram um lindo poema narrativo sobre Santa Rosa. É grande, merece ser lido inteiro, mas para esse livro, retiramos um trecho em que falam da ida para a escola nos primeiros tempos da comunidade.



Para chegar na escola  
Nonato, Jaca e Creuza  
O rio tinham que atravessar  
Com o caderno e as roupas  
Em um saco para não molhar  
Pediam para Chiquinha na canoa levar.

Como na escola não tinha lanche,  
De madrugada, eles tinham que levantar  
Para fritar o peixe e a mandioca cozinhar  
E em uma latinha para a escola levar.

As professoras na lata batiam  
Para avisar que era hora do recreio  
Na hora do lanche, se divertiam  
Depois de dividir o pouco que tinham  
Com os colegas que nada traziam.

Depois iam no igarapé se lavar  
Para voltarem a estudar  
Quem não soubesse a lição  
Um castigo ia ter



Com uma palmatória  
A professora no aluno ia bater.

Na volta para casa, de novo, o rio atravessar  
Com a época de cheia tinham que se ajudar  
Com a corredeira muito forte, iam se segurar  
No corrimão salvador, feito com cordas,  
E nadavam, para do outro lado, chegar.

## ESCOLAS E BIBLIOTECAS PÚBLICAS



## Escola Professor Flodoardo Cabral

Vamos falar, aqui, de um assunto muito importante, que são os patrimônios ligados à educação pública, escolas e bibliotecas. E começamos pela Escola Professor Flodoardo Cabral. Ela foi criada em 1965 e funcionou nos seus primeiros anos no prédio do Ginásio Craveiro Costa, até o prédio atual ser construído. A PFC, como é carinhosamente chamada, é dirigida pelo ex-aluno João Itamar Melo de Almeida.

Desde a sua criação, a escola ofereceu cursos em diversas áreas como Contabilidade, Ginásial, Básico, Magistério, Agropecuária, Eletrotécnica, Enfermagem, Formação Integral, Magistério Adicional e Ensino Médio. Hoje, funciona nos três turnos, com o curso de formação integral, e tem um total de 1.316 alunos, divididos em 32 turmas.

Muita gente boa passou por aqui e hoje se destaca na nossa comunidade como as professoras Ruth Bernardino e Lucilei Oliveira, o desembargador Pedro Renzi, o ex-prefeito João Barbosa e o prefeito atual, Ilderlei Cordeiro.

## Escola Comandante Braz de Aguiar

Fundado em 1949, o grupo escolar Comandante Braz Dias de Aguiar atendeu muitas crianças, do curso de alfabetização até a 4ª série primária. A partir de 1970, trouxe para a cidade um projeto nacional de alfabetização de jovens e adultos, o famoso projeto Minerva. E a escola se orgulha de fazer parte, desde 1990, de outro projeto muito importante, o Poronga, Programa Especial de Aceleração de Aprendizagem.



Braz Dias de Aguiar foi um oficial da marinha que atuou na Amazônia, no século passado, dirigindo a Comissão Brasileira Demarcadora de Limites. Ele visitou nossa cidade e sua passagem ficou eternizada com o nome da escola.



## Biblioteca comunitária da vila Santa Rosa

A Biblioteca Comunitária da Vila Santa Rosa existe desde 2002, mas só começou a funcionar de verdade a partir de 2008, quando um novo diretor assumiu a direção da escola Antônio Ferreira Gomes. Ele era também mediador de leitura e percebeu que o local dispunha de um tesouro, mas ele era muito pouco usado. Ele, então, assumiu o papel de divulgar, incentivar e dar dinamismo ao trabalho, em parceria com a comunidade e com a Ong Expedição Vagalume.

Das seis salas de aula da escola Antônio Ferreira Gomes, uma foi reservada exclusivamente para a biblioteca, que foi, aos poucos, conquistando as crianças, com brincadeiras e alguns empréstimos de livros.

A partir da parceria com a Vagalume, a biblioteca oferece, para professores e membros da comunidade, cursos de Mediação de Leitura, e vai, aos poucos, ganhando espaço e conquistando adeptos e simpatizantes.

Voluntários se revezam diariamente no atendimento a alunos e comunitários e a biblioteca, todo mês, faz mais de dois mil empréstimos de livros. Os escritores mais procurados são Cecília Meireles e Monteiro Lobato.





## Biblioteca Pública Padre Trindade



Localizada no centro de Cruzeiro do Sul, a Biblioteca Pública Estadual Padre Trindade é um dos maiores patrimônios públicos da região. Conta com um acervo de 21 mil obras, além das seções de histórias em quadrinhos, livros infantis e de revistas diversas. Inaugurada em 2004, ela teve um grande impacto nas opções de estudo, lazer e cultura dos moradores da cidade.

Vale a pena fazer uma visita. Para quem gosta de ler será uma festa, pois poderá encontrar os livros do mestre Monteiro Lobato, com a boneca Emilia e toda a turma do Sítio do Pica-pau Amarelo, também do Ziraldo e seu Menino Maluquinho. E ainda irá se divertir com os gibis de Mauricio de Sousa, criador do Cebolinha, Cascão, Mônica e muitos outros personagens.



Edição: Otavio Nazareth  
Pesquisa, texto e edição da produção dos estudantes: José Santos e Selma Maria  
Projeto gráfico: Daniel Brito  
Ilustrações: Nara e Heitor Isoda  
Revisão: Manuela Penna e Maria Fernanda Alvares  
Produção editorial: Renata Sizilo  
Consultoria e pesquisa: Evilásio Silva  
Pesquisa de imagens: Thalita dos Santos Souza  
Pesquisa complementar: Jonas Sumaúma  
Parceria: Vaga Lume

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha elaborada segundo a AACR2r

237c Santos, José.  
Cruzeiro do Sul : a cidade da gente / organização  
José Santos e Selma Maria ; ilustrações Nara Isoda —  
São Paulo : Olhares, 2020.  
77 p. : il. color. ; 25 cm.

ISBN 978-65-88280-02-7

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Escolas. 3. Patrimônio  
cultural 4. Cruzeiro do Sul (AC). 5. Fauna 6. Flora 7.  
Lendas 8. Alimentos 9. Índios. I. Maria, Selma.  
II. Isoda, Nara. III. Título.

CDD 028.5  
CDU 82-93

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Renata  
Fernandes Veloso Baralle — CRB-8/10366



Lei de Incentivo à  
**CULTURA**



**OLHARES**

patrocínio

**Machado  
Meyer** ADVOGADOS

produção executiva

**doble.**  
cultura

realização

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DA  
TURISMO



© 2021 Editora Olhares e autores.

Este livro foi impresso pela gráfica MaisType sobre  
papel offset 120g em fevereiro de 2021.



Era uma vez Cruzeiro do Sul. Um dia a gente que morava lá percebeu que a história da cidade era a sua própria história... O Morro da Glória, a Ponte da União, as comunidades indígenas, a fauna, a flora e nossa vila Santa Rosa fazem parte dessa história, contada com a ajuda das crianças da cidade.



patrocínio

**Machado  
Meyer** ADVOGADOS

produção executiva

**doble.**  
cultura

realização

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DA  
TURISMO



ISBN 978-65-88280-02-7

